

## **RITUAIS FUNERÁRIOS: MEMÓRIA DE UMA SOCIEDADE**

Rebeca Jade dos Santos Silva (Bolsista do ICV/PRPPG), Jacionira Coelho Silva (Orientadora, departamento de Arqueologia – UFPI) Luzia Maria de Sousa Carvalho (colaboradora, UFPI).

### **Introdução**

O presente trabalho visa estudar as formas de enterramento como um espelho, memória da sociedade que os realizou. Entender a escolha do local para enterramento para identificar o motivo dessa escolha relacionada à utilização do espaço pelos grupos faz parte do contexto dessa investigação, em que o conceito de arqueologia da paisagem é empregado, como uma abordagem de arqueologia não destrutiva, onde o pesquisador observa o sítio e seu entorno a fim de perceber como o homem explorou aquele espaço. No caso da seleção do local dos enterramentos orientada para garantir a preservação do corpo, impedir que animais violassem o corpo, ou fossem roubados, entende-se que recaia sobre lugares de difícil acesso, como lugares altos escarpados ou grutas.

Garantir a preservação do corpo, os significados ritualísticos que o local possa ter para o grupo, estão relacionados às crenças e ao enterramento, enfim no modo como os traduzem. O conceito de paisagem residual está sendo trabalhado como aquela que um dia fora comum a uma sociedade e fazia sentido para aquele povo, ou seja, fazia parte da paisagem dominante da área e tinha um significado específico, aliada ao conceito de paisagem de Claval (1998) que é criada como representação cultural e representa uma sociedade, lugar ou época.

Quando vivo, o ser humano guarda e cuida de seus pertences, aqueles que têm algum significado simbólico ou que lhe são úteis no dia-dia. Desse modo, pode-se inferir como cada grupo se organizava durante o trabalho e assim cada grupo étnico pode ser identificado ou diferenciado através de materiais ou técnicas, a exemplo o uso de cerâmicas, fabricação de cestos, elaboração de materiais líticos podendo ser lascados ou polidos. E ao enterrar os membros do grupo, sepultá-los com esses materiais, cujo estudo pode informar crenças, hierarquia social, diferenciação por sexos, por idade, enfim, pode oferecer dados para a explicação da estrutura dessas sociedades.

### **Metodologia**

Os estudos se voltaram principalmente para revisões bibliográficas sobre as práticas mortuárias no Brasil com enfoque no Nordeste, tentando assim resgatar a memória dos grupos étnicos que habitaram essa região. Binford (1971), Cisneiros (2003), Martin (2008) passaram por uma releitura à qual se incorporou trabalhos de Thomas (1980), Ribeiro (2007), Etchevarne (1990) e Silva (2005-2006). Revisão bibliográfica dos cronistas que são a primeira fonte de informação que temos dos grupos indígenas, como Staden (1974) e Léry (1880) e de antropólogos recentes, como Pinto (1956) também foi realizada.

### **Resultados e discussões**

Como resultado dessa revisão, vale ressaltar que a ideia de enterramento, inumação, está associada à de morte e em consequência, à maneira como os diversos grupos étnicos encaram o fim do ciclo da vida.

Binford (1971) também relaciona a complexidade do ritual funerário com a complexidade da organização social, pois cada grupo étnico tem maneiras diferentes de se representar e, no caso de materiais funerários, maneiras diversas de enterrar.

Gabriela Martin (2008) sugere uma evolução dos enterramentos numa dada sociedade no decorrer do tempo, embora isso só se reflita mais lentamente nos rituais. Os diferentes modos de enterramento ao serem tratados por Silva (2005-6, p. 111) informam a dificuldade de estabelecer uma classificação para os sepultamentos dos grupos extintos devido à variedade de práticas. Em Sergipe o arqueólogo Valentin Calderón, integrante do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas-PRONAPA, ao realizar escavações nessa região agrupou os vestígios encontrados nos sítios e os classificou como pertencentes à cultura Aratu, de povos agricultores-ceramistas, situados em grandes aldeamentos circulares, caçadores-coletores de área florestal. Os sedimentos arqueológicos em profundidade de 60 cm permitem deduzir a formação de aldeias com densidade populacional elevada e ocupações demoradas (Martin, 2008). Da cultura Aratu foram encontradas mais de cem urnas mortuárias pelo arqueólogo Carlos Etchevarne (1990) no município de Muquém do São Francisco (BA). Esses enterramentos eram secundários em urnas dentro das aldeias. Evidenciou vestígios do cotidiano das aldeias junto com as urnas, podendo assim perceber que o tratamento que os povos dessa cultura dava a seus mortos.

Uma prática mortuária atribuída a esses grupos é o endocanibalismo, a forma de sepultar os parentes dentro de si mesmos. Além dos Tremembé que se consideravam parentes dos Aimoré, era praticado pelos Aconguaçu; não comiam a carne humana, mas os ossos de seus defuntos eram desenterrados depois de seis meses, eram moídos e depois de desfeitos eram comidos com mel de abelha em sinal de amor. Choravam seus mortos durante um ano, no qual os viúvos não tornavam a se casar, o que só acontecia passado o período de um ano de luto. Os Paiaíá aceleravam a morte dos doentes considerados incuráveis com pauladas; depois cortavam o defunto em pedaços e o repartia pela aldeia. O enterramento primário e secundário também eram praticados no país.

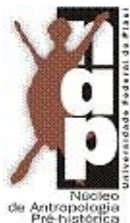
## **Conclusão**

Num sepultamento não está representado apenas um indivíduo, mas uma forma de preservação de uma memória social, assim os elementos ritualísticos de um local transmitem a cultura do grupo, ou seja, segundo Oliveira (2005) representa a “transformação do sofrimento individual numa dor coletiva”.

O homem pré-histórico tenta, a partir do enterramento, manter a memória do seu morto, dar continuidade na sua pós-morte ao que ele fazia em vida. Daí o fato de algumas inumações conter na composição do seu enxoval funerário o que poderia representar os objetos pessoais do indivíduo sepultado.

A escolha dos locais de enterramento tem intrínseca relação com a identidade cultural dos indivíduos de uma mesma comunidade, sendo diversos os fatores de escolha do lugar, que pode indicar uma tentativa de garantir que o corpo fosse preservado por mais tempo, ou que este não fosse profanado por animais ou por “ladrões”.

## Apoio:



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BINFORD, L.R. (1971). Mortuary practices: their study and their pontencial. In: J. Brown (ed). Approaches to the social dimensions of mortuary practices. Memoirs of the American archaeology society, n.25.

Carvalho, Fernando Lins de. A pré-história sergiapana/Fernando Lins de Carvalho. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe,2003.159p.

CISNEIROS, Daniela. Práticas funerárias na pré-história do nordeste do Brasil. Dissertação de Mestrado. Recife: PPGH-UFPE, 2003.

ETCHEVARNE, Carlos, PIMENTEL. Rita. Patrimônio Arqueológico da Bahia. Salvador: SEI, 2011. 132 p. il. (Série estudos e pesquisas, 88).

LÉRY, Jean de. Histoire d'un voyage fait en la terra du Brésil. Nouvelle Édition. V. 2, Paris: Alphonse Lemerre Editeur, 1880. 212.p.

MARTIN, G. A pré-história do nordeste do Brasil. 5ª ed. Recife, Ed. Universitária da UFPE, 2008.

OLIVEIRA, Madalena. Olhando a morte dos outros. LIVRO DE ACTAS – 4º SOPCOM

PINTO, E. Etnologia brasileira: fulniô, os últimos tapuias. São Paulo: Companhia Editora Nacional. Col. Brasileira, vol. 285.1956.

ROHR, Sítios arqueológicos de Santa Catarina. Anais do Museu de Antropologia, UFSC, Florianópolis 1984, 17.

STADEN, Hans. Duas viagens ao Brasil. [1557]. Belo Horizonte; Itatiaia; São Paulo: Ed. da USP, 1974.

THOMAS, Louis-Vincent. El cadáver. De La biología a La antropología. México: Fondo de Cultura Económica, 1980.

**Palavras-chave:** Rituais funerários. Memória. Identidade.